

Entrevista

Luís Sáragga Leal

A classe política em Portugal tem ficado aquém das suas responsabilidades perante quem lhe confiou o voto

“Quando as instituições param, confortáveis e aburguesadas, é o princípio do fim”. É por isso, e pela sua persistente insatisfação, que Luís Sáragga Leal não deixa de enfrentar sucessivos desafios. É com eles que dinamiza a sua Fundação PLMJ, um projecto cultural a que preside e que agora completou dez anos. Sáragga está na instituição como na vida. É “militantemente optimista”. Mesmo no actual cenário de crise recusa resignar-se. E há algo que não cala: a crítica à classe política pelo rumo que deu ao País e à Europa.

JOÃO MALTEZ | jmaltez@negocios.pt

BRUNO SIMÃO | Fotografia

“Qualquer pessoa muito afectiva, qualquer pessoa muito sentimental, qualquer pessoa que viva de projectos é um insatisfeito”. A declaração é sua. Em que medida é que o projecto Fundação PLMJ resulta desse seu estado de alma?

O meu problema é, precisamente, ser um eterno insatisfeito. Mas o que pode ser um problema é também uma grande vantagem, porque estando sempre insatisfeito, estou sempre a querer aceitar novos desafios, para atingir novos objectivos.

É a sua forma de estar na vida?

Considero que a vida deve ser vivida com intensidade, com motivação. Para ter essa intensidade e essa motivação é preciso ter novos desafios. Quando os atinjo, tenho um pequeno momento em que posso parecer que estou satisfeito, mas a verdade é que já estou à procura de novos desafios. Aí, entro outra vez numa fase de alguma insatisfação. É um problema com que tenho que lidar, mas é também uma vantagem, porque me dá a dinâmica, a vontade de concretizar.

Essa “dinâmica dos desafios” de que modo se traduz na Fundação que criou?

A Fundação também é o resultado de uma série de desafios e de objectivos. Quando as instituições param, confortáveis e aburguesadas no seu processo, é o princípio do fim. As instituições não podem parar, satisfeitas apenas com o que fica para trás.

Dez anos depois, continua a ser o único responsável pela escolha das obras que fazem parte das colecções da Fundação?

Inicialmente, durante os primeiros quatro a cinco anos, fazia-o sozinho. A partir do momento em que a colecção começou a ter uma dimensão e uma responsabi-

lidade cultural maior, achei que as escolhas não poderiam ser só resultado da carolice de um amante de arte e de um empírico de arte como sou. Conheci o Miguel Amado, um jovem comissário, que foi meu professor num curso de fotografia, e um dia lancei-lhe o desafio para fazer um livro da Fundação. Foi o comissário desse livro e estabeleceu-se aí uma boa relação.

Miguel Amado que, entretanto, se transformou num comissário internacional...

Transformou-se num importante comissário internacional, cujo sucesso gosto sempre de sublinhar, porque nós, portugueses, devemos sempre incentivar e acarinharmos o sucesso dos outros. Nem sempre é uma característica portuguesa, mas eu gosto de sublinhar o imenso sucesso que o Miguel tem tido internacionalmente, primeiro em Londres, depois em Nova Iorque e, agora, de novo em Inglaterra, para trabalhar num dos museus da Tate. Apesar desse seu protagonismo internacional, continua a ter esta ligação a um projecto pequeno, mas muito ambicioso, que é a Fundação.

Um projecto “pequeno”, mas profissionalizado. Quem o financia?

A Fundação é financiada única e exclusivamente pelos sócios de PLMJ. Já tivemos sugestões no passado, até do sector público, de pessoas que queriam financiar ou apoiar a Fundação.

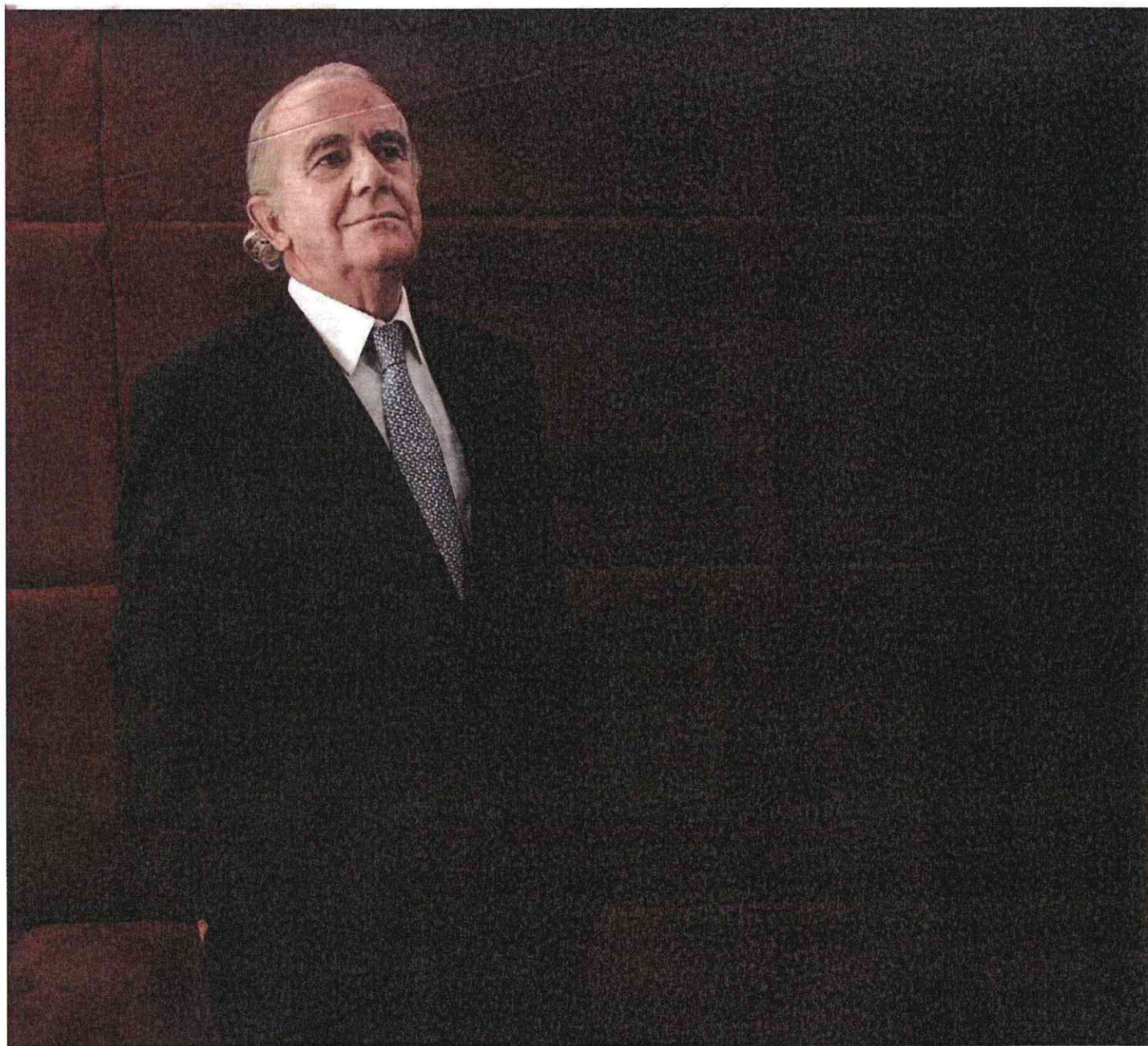
Porque é que não aceitaram apoios do Estado?

Isso seria desviarmo-nos daquilo que é um projecto estritamente PLMJ. Tem as suas limitações financeiras, mas é um projecto nosso. Não queremos interferências e, sobretudo, não queremos ficar a dever nada a ninguém. Os méritos ou deméritos são nossos.

continua

Uma Fundação com dez anos de desafios

Já lá vão dez anos. Como em tudo numa vida, precede-os uma pré-história. A história, essa, é feita de gostos, de experiências, de aprendizagens, de sucessivas ansiedades e de permanentes desafios. Até Luís Sáragga Leal chegar ao patamar da satisfação. É então que tudo recomeça. Seguem-se os mesmos passos e os mesmos estados de alma. É um processo contínuo. Porque a vida deve ser assim, dinâmica, sujeita a constantes desafios e ao ultrapassar de metas. As colecções de pintura, escultura, fotografia e vídeo, mas também as exposições e os livros, tudo isto foi alcançado, passo a passo. Depois de sucessivos desafios, o mentor da Fundação PLMJ continua a entendê-la como um “espaço” em constante criação.



Manuel Botelho
Os Inimputáveis (?)
- The Assault,
1998
Óleo s/ tela
202 x 101 cm

O começo

A bem da verdade, deve dizer-se que tudo começou com o gosto de Luís Sáragga Leal pelas artes plásticas. Mas a "pré-história" da Fundação arranca, oficialmente, ainda nos anos 90, com a mudança de instalações da firma de advogados que lhe dá nome: PLMJ. Uma exposição de 180 quadros assinala a inauguração da nova sede e abre caminho à compra dos primeiros quadros, que passaram a ornamentar as salas de reunião.



Pedro Amaral
Beyond
Planet Earth,
2006
Acrílico s/ tela
185 X 185 cm

A pintura

A colecção de arte da sociedade, que começou por ser apenas de pintura e centrada, como ainda o é, na obra dos modernos criadores portugueses, alargou o âmbito ao desenho e à escultura. Quatro anos após a exposição que esteve na génese do projecto, nasce a Fundação, em 2001. Os quadros já extravasaram as paredes das salas de reunião, chegaram aos corredores e gabinetes de trabalho.



Gerard
Castello Lopes
Lisboa 1957
Prova gelatina
e prata
48 x 31 cm

A fotografia

Depois da pintura, o desafio que se seguiu foi o da fotografia. Aqui, Luís Sáragga Leal obrigou-se a estudar, para conhecer melhor esta realidade artística, e conheceu, como professor, aquele que é agora o comissário da Fundação, Miguel Amado. Hoje, esta é a mais antológica colecção de fotografia portuguesa, onde pontuam nomes como os de Gerard Castello Lopes, Fernando Lemos, Carlos Afonso Dias ou Carlos Calvet.



Catarina
Campino
EVERLASTING
Love (from
the Love
Hurts series),
2001
Vídeo, cor,
som, 3' 26"

O vídeo

"Comecei a ver vídeos, comecei a ir às feiras especializadas e verifiquei que, mais do que a fotografia, o vídeo seria a forma de expressão plástica típica do Século XXI". Para Luís Sáragga Leal, este foi e é ainda mais um desafio: uma colecção de "quadros" vivos, capazes de estimular a estética de forma permanente. Hoje, são 60 as obras de vídeo e espelham as variadas correntes estéticas da produção artística nacional.



continuação

Talvez com algum preconceito, existe a ideia de que a cultura em Portugal funciona um pouco na óptica da subsidio-dependência. É algo que o incomoda?

É uma questão de opção política. Não faço um juízo valorativo.

Como vê o "estado da cultura" em Portugal. Também com insatisfação? As instituições ligadas ao sector poderiam funcionar melhor?

Não sou um permanente crítico das instituições em Portugal. É evidente que tudo poderia funcionar melhor. Estamos agora a chegar à conclusão, infelizmente com a crise que estamos a viver, que tudo deveria funcionar muito melhor em Portugal.

E aí entra também a cultura.

Obviamente a cultura também poderia e deveria funcionar melhor. Mas não funciona pior do que outros sectores da sociedade em Portugal. Infelizmente, se olharmos para a Justiça, para a Saúde, para a Segurança Social, para o próprio funcionamento da máquina do Estado, temos que dizer que a Cultura funciona menos mal face a todos estes sectores. A cultura portuguesa, nomeadamente no sector das artes plásticas, tem dado sinais de grande pujança. E de grande internacionalização. Hoje há dezenas de jovens artistas que vivem e trabalham nos principais centros culturais da Europa e dos Estados Unidos.

Essa "emigração" cultural é positiva?

Hoje fala-se muito na globalização. Quando se fala em globalização pensa-se logo em economia e em finanças. A globalização é também cultural. Temos artistas estrangeiros a trabalhar ou a expor em Portugal, com frequência, com regularidade. Com muito agrado, verifico também que os artistas portugueses expõem, regularmente, nas grandes galerias internacionais e até em museus. Há uma grande internacionalização da produção nacional.

É advogado, mas já admitiu que poderia ter sido arquitecto. Provavelmente uma profissão mais ligada à criatividade e às artes. Porque razão não seguiu por esta via?

Sempre quis ser advogado. O que muitas vezes digo é que, se não tivesse optado por ser advogado, a profissão que teria escolhido era a de arquitecto. A criatividade na arquitectura, e com maioria de razão nas artes plásticas, tem outros limites. Mas o meu pai era juiz, tinha alguma literatura jurídica em casa, pelo que sempre soube desde muito cedo o que gostaria de ser. Comecei a trabalhar como estagiário mesmo antes de acabar o curso de Direito, com o António Maria Pereira, tal era a ansiedade que já tinha de ser advogado. Essa tal ansiedade que me acompanha desde sempre. Mais do que insatisfação, acho que é ansiedade.

Como é que gere essa "ansiedade" numa conjuntura difícil como a que hoje vivemos?

Como costume dizer, com um optimismo militante. Ou seja, nos períodos de grande euforia até sou bastante realista. Nos momentos de maiores dificuldades, como o que estamos a viver, sinto que a minha obrigação, sobretudo numa organização como PLMJ, mas também, de uma forma mais difusa, na sociedade portuguesa, é ser optimista. Às vezes não é fácil, por isso é que digo que sou militantemente optimista,



A classe política em Portugal tem ficado a quem das suas responsabilidades perante a generalidade da população que lhe confiou o voto.



Capa de catálogo Exposição "Medo do Escuro", Pedro Amaral 2009

Exposições

A "pré-história" da Fundação revela que na sua génese esteve uma exposição. O hábito manteve-se, com regularidade e mesmo fora do edifício-sede da instituição. Um dos desafios mais recentes é a aproximação à cultura da comunidade de países de língua portuguesa. Já este ano, "Idioma Comum", uma exposição, deu a conhecer obras da colecção PLMJ da autoria de artistas africanos.



Manuel Botelho Pintura e Desenho de Manuel Botelho. Publicações Estar Editora 2000

Publicações

Um livro irá celebrar os dez anos da Fundação PLMJ. Uma obra que permitirá, aliás, manter em 2011 o ritmo de pelo menos uma edição anual em papel. "Dez anos, cem obras" é o título da publicação que será dada à estampa e que será, revela Luis Sáragga Leal, uma espécie de "best off", a retrospectiva, com 100 trabalhos, da arte mais relevante que a instituição adquiriu ao longo da sua existência.



porque muitas vezes tenho que me disciplinar para ser optimista.

Tem que se "disciplinar para ser optimista"?

Nós, portugueses, temos imensas qualidades, e eu admiro imenso as qualidades dos portugueses, mas também temos algumas características, para não dizer defeitos, que não ajudam à nossa força colectiva. Desistimos facilmente. Procuramos sempre o efeito mais fácil e quando não conseguimos o efeito fácil desistimos. Temos hoje todos os ingredientes para desistir. Se somarmos a uma recessão económica, como a que estamos a viver, uma depressão colectiva, então é que nunca mais recuperamos. Se não houver vontade de empreender e de assumir riscos, se não houver entusiasmo para aceitar desafios e se houver apenas uma coisa tipicamente portuguesa, que é a resignação, vamos todos viver resignados e cada vez pior.

Neste ambiente de crise, como é que se luta contra esse risco de depressão colectiva?

Todos nós temos que ser militantemente optimistas. É isso que sou neste momento, porque acredito que as qualidades portuguesas quando são suficientemente mobilizadas, dinamizadas, enquadradas, elas vencem muitos desafios.

Tem havido essa capacidade de mobilização e de enquadramento, nomeadamente por parte do poder político?

Essa coisa de estar sempre à espera do poder político... Eu não espero pelo poder político. Vivi o tempo das revoluções da década de 60 com grande entusiasmo. Não estou à espera do poder político para resolver os meus problemas. Os problemas, hoje, são demasiado graves para serem resolvidos só pelos políticos. Não lhes reconheço mais qualidades do que a maior parte da sociedade civil tem. A sociedade civil tem as mesmas responsabilidades, para não dizer responsabilidades acrescidas, relativamente aos políticos. Provavelmente a sociedade civil tem mais valores do que os que reconheço na maior parte dos políticos.

A sociedade civil é uma coisa muito ampla. A que actores se refere?

Cada um de nós, dentro das suas limitações. Dentro das associações em que se move, dentro dos círculos sociais, dos círculos económicos, dos círculos culturais. Dentro de um escritório de advogados, dentro de um meio de comunicação social, dentro de um espaço cultural, todos nós temos que assumir os nossos desafios e não nos deixarmos vencer pelas circunstâncias que estamos a viver, que essas sim terão sido em larga parte causada pelos políticos.

Não acredita na classe política?

Nunca fui motivado pela política e normalmente não me revejo nas características dos políticos.

Mas reconhece a importância dos políticos numa democracia? Responsabiliza-os pela situação em que estamos?

A classe política em Portugal tem ficado, sobretudo nos últimos anos, aquém das suas responsabilidades perante a generalidade da população que lhe confiou o voto, que lhes deu um mandato, que lhes atribuiu responsabilidades. Acho que a quase gene-

ralidade da classe política tem ficado aquém dessa responsabilidade.

Essa é uma culpa que aponta apenas aos políticos portugueses? É comum ouvir-se dizer, mesmo por parte de actores políticos, que na Europa, hoje, não há líderes a sério. É essa a sua opinião?

É evidente que conheço melhor Portugal e este meu juízo é um juízo de proximidade. Há 40 anos que sigo atentamente a vida política. Assisti com grande entusiasmo ao 25 de Abril e aos acontecimentos posteriores. Inclusive, já com alguma reserva, à nossa adesão à União Europeia. Nunca fui um "euroexcitado". Alguns até acham que sou um eurocéptico. Agora sou, se calhar, e utilizando a expressão com ironia, um "euroresignado". Ainda assim, assisti com entusiasmo a estas etapas que fomos vivendo. Sobre como vivemos a política em Portugal tenho uma opinião clara.

E sobre a política europeia?

Por força das circunstâncias, a política europeia entrou-nos pelas portas dentro. Condiciona-nos a vida diária. Já não é só o meu primeiro-ministro, seja ele Sócrates, seja ele Passos Coelho, quem me condiciona. Agora é também a senhora Merkel ou o senhor Sarkozy ou o desaparecido senhor Berlusconi. Tenho que começar a ter uma opinião mais fundamentada sobre essas pessoas.

Estão à altura dos desafios que a Europa enfrenta actualmente?

Acho que não estão à altura do desafio e das grandes responsabilidades que estamos a viver na Europa. A Europa está a afundar-se. Se há três quatro anos tivesse pedido um "script" para um filme de terror sobre a Europa, em que, por hipótese, um qualquer Osama Bin Laden, em vez de atirar com o World Trade Center abaixo ou fazer atentados em Madrid ou em Londres, quisesse fazer um atentado contra o sistema financeiro europeu, não conseguiria fazer um guião para um filme tão aterrorizador como o que estamos a viver. Os acontecimentos aparecem, cada um deles mais impensável que o anterior.

A que acontecimentos se refere?

Estamos a chegar a um ponto tal, que os nossos conceitos tradicionais, em que nascemos e que cultivámos durante tantos anos de democracia, estão a esfumar-se. Estou a assistir, como se fosse natural, à criação de governos que não têm necessariamente uma legitimidade directa no sufrágio. Na Grécia e em Itália ainda estamos numa lógica de democracia e de legitimidade democrática, mas estamos a assistir à constituição de governos que não têm muito a ver com essa legitimidade democrática.

Só os políticos é que têm culpas no cartório?

Os políticos não têm sabido gerir os graves problemas que a construção da Europa e sobretudo o fortalecimento e a coesão do euro colocam. Se calhar, hoje não temos as personagens que tivemos no princípio da construção da Europa. Já não vou ao tempo de Jean Monnet, mas vou certamente a um passado mais recente, em que tivemos líderes na Alemanha e em França, e até em Inglaterra, com perfis completamente diferentes da senhora Merkel ou do senhor Sarkozy. **W**